

REFLEXÃO SOBRE A NECESSIDADE DA LEITURA LITERÁRIA NA INFÂNCIA

Fabíola Fernandes ANDRADE

RESUMO: Este artigo procura refletir sobre a importância do desenvolvimento da necessidade da leitura literária na infância. A criança não nasce com a necessidade de ler ou escrever, por isso, a escola tem a importante missão de disponibilizar atividades em sala de aula que promovam o desenvolvimento dessas práticas. Desta forma, a criança deve procurar ler por vontade própria. Compreender como gerar na criança a necessidade da leitura literária é de suma importância para que o professor possa planejar e organizar atividades em sala de aula que sejam eficazes na promoção dessa necessidade na criança. A reflexão foi norteada pelas investigações de Aristóteles, Marx, Engels, Hegel e Feuerbach sobre o conceito de necessidade; Leontiev e Lúria sobre atividade e Vygotsky sobre a teoria Histórico-cultural. Esses pensadores contribuem para mostrar como a necessidade da leitura literária pode e deve ser implantada nas salas de aula.

Palavras-chave: Necessidade, Leitura literária, Criança.

ABSTRACT: This paper discuss the importance of developing the necessity of literary reading in childhood. The child is not born with the need to read or write. Because of this, the school has the important task of providing activities in the classroom to promote the child needed. In this way, the child should seek read on their own. Understanding how to develop the child the need of literary reading is very important for the teacher to plan and organize activities in the classroom that is effective to promote the need in children. The reflection was guided by the research of Aristotle, Marx, Engels, Hegel and Feuerbach about the concept of need; Leontiev and Luria and Vygotsky about activity on cultural history theory. These thinkers contribute to show the need of literary reading can and should be implemented in classrooms.

Keywords: Need, Literary Reading, Child.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos filosóficos sobre a noção de necessidade levam a compreender que tal noção é a criação de dependência de algo que possa satisfazer fatores de natureza humana. Deve-se ter um objetivo que oriente para um fim almejado.

Aristóteles, ao investigar sobre a noção de necessidade, observou que esta faz parte das coisas e as condiciona. Logo, está na base da existência do sujeito e se relaciona com o tempo e o espaço em que o homem se encontra.

Os diversos objetos que existem no mundo estão relacionados com a necessidade humana. Para Marx e Engels (1999, p.37), o homem transforma a natureza para satisfazer as suas necessidades e ao realizar essas transformações modifica a si mesmo. Também afirma que “Não tem história, nem desenvolvimento; mas os homens que, ao

desenvolverem a sua produção material e seu intercâmbio material, transformam também, com essa realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar”.

Segundo Aristóteles (1995), no mundo, existem diferentes tipos de indivíduos em diversas condições e relações com os objetos que confirmam a necessidade. Marx e Engels (1999) reafirmam o pensamento de Aristóteles ao tecerem a afirmação de que o ser humano é único e que não há duas pessoas fisicamente e psicologicamente idênticas. O homem estabelece uma relação com a natureza em busca de satisfazer as suas necessidades. As pessoas possuem características diferentes, a relação com a natureza também é diferente, e produz uma grande variedade de objetos. Um animal também estabelece uma relação com a natureza, porém, não a modifica, apenas retira dela o que lhe serve.

Para Kant (1999), as transformações que acontecem no mundo estão condicionadas às necessidades do homem como condição de sua existência. Acrescenta que “Conhecemos apenas a necessidade de ‘efeitos’ naturais, cujas causas nos foram dadas” (KANT, 1999,195).

Nos trabalhos apresentados por Nicolai Hartmann, a necessidade é tida como uma categoria modal subordinada à realidade e às determinações inscritas no coração dos fenômenos.

No pensamento de Hegel (1995), quando o homem se mantém aferrado somente à vida biológica, vive semelhante aos animais, baseado em desejos imediatos. As necessidades também são semelhantes às dos animais, cujo objetivo será a autoconservação e a preservação da espécie. Se o homem superar este plano, passará a viver em um plano mais humano e suas necessidades também serão mais humanizadas. Como afirma Hegel (1995), o processo da vida consiste em superar a imediatez a qual o ser humano fica preso. Esse processo tem por resultado o conhecimento.

Viver em um plano animal, preso pela imediatez, prejudica a união entre os homens e os impede de serem livres. Para alcançar o plano mais humano, o homem deve eliminar o apego imediato à vida e ao desejo da autoconservação para uma consciência de si que se relaciona a outra consciência de si (BOURGEOIS, 1995).

Para Hegel (apud Bourgeois, 1995), o homem que se reduz somente às necessidades animais é como um escravo na “segurança-vital”, ou seja, preocupa-se apenas com a sua sobrevivência e não desenvolve a humanização.

O homem deve desprender-se dos desejos meramente naturais e esforçar-se para ter uma consciência de si; assim fazendo, alcançará um reconhecimento. Conquanto, deve-se existir outra consciência para que o reconhecimento possa existir.

Ainda segundo Hegel, quando o homem consegue inibir o seu desejo, consegue enriquecer o seu espírito, elevar a sua alma, tornar-se um ser mais humano, educado em novas necessidades, no qual a consciência de si só é reconhecida pela outra consciência de si.

A necessidade mais rica, enraizada no mais íntimo do ser, está na necessidade do outro como homem. Feuerbach (1994) alerta para a importância de um ser com necessidades e afirma “Um ser sem necessidade é um ser sem fundamento. Só o que pode padecer, merece existir. Só o ser rico em dores é ser divino. Um ser sem padecer é um ser sem ser” (FEUERBACH, 1994, 226).

No livro “A essência do cristianismo”, Adriana Veríssimo comenta o pensamento de Feuerbach (1994) e afirma que a necessidade não é a existência de um vazio, mas uma energia mobilizadora que impulsiona o homem ao seu objeto.

Para Marx (2004), o homem rico possui necessidades humanas ricas; ou seja, possui carências para se tornar completo na essência da vida. A riqueza interior do homem, Marx denomina “o rico ser humano”, sendo contrária à alienação.

O homem vive em sociedade em constante movimento, transformando a si e aos objetos, o que ocasiona novas carências por outros objetos e novas formas de afeto com os homens. O ser humano está sempre estabelecendo novas formas de relacionamento com os objetos e com os homens. Este processo é denominado adaptação. As necessidades humanas são geradas durante a história objetiva e material das relações dos homens entre si e com a natureza, pois o homem é um ser natural e social (MARX, 2004).

Todas as necessidades humanas surgem das relações dos homens com os objetos e com outros homens. As necessidades abstratas (do pensamento, sentimentos, afetos entre outras), também são estabelecidas nas relações.

Pelos ensinamentos de Marx e pela teoria histórico-cultural, a necessidade aparece de duas formas: pela existência do homem como um ser biológico e pela relação do homem com o mundo objetivo.

Segundo Vygotsky (1997) o aparecimento das necessidades ocasiona novas formas de comportamentos. A atividade viva cria carências no indivíduo, pois o homem se satisfaz ao alcançar o objetivo almejado.

A necessidade funciona como uma força motriz, uma energia que impulsiona o homem a realizar uma atividade de transformação do seu entorno e de si próprio, sendo um processo adaptativo para a vivência humana.

2 NOVAS NECESSIDADES

Segundo Leontiev (1978), o homem para se adaptar na natureza deve criar meios para a sua própria existência. Para isto, cria mediadores, controla e regula processos por meio da atividade.

Em um primeiro momento, as forças da natureza prevalecem sobre a ação do homem. Posteriormente, as ações humanas transformam a natureza e exercem um poder sobre a mesma (MARX, 2004). Este poder é ocasionado pela atividade coletiva que introduz no homem capacidades intelectuais e operacionais sobre a natureza e sobre si próprio. Surgem três novas necessidades: necessidade de atividade em grupo, necessidade da comunicação e a necessidade do uso de novos instrumentos.

Lúria (1991, p.75) argumenta que junto com as necessidades biológicas do comportamento, “surgem os motivos superiores e necessidades, concomitantes com o comportamento que depende da percepção imediata do meio.”

As atividades coletivas desenvolvidas durante a história do homem para satisfazer as necessidades ocasionaram o surgimento de novos instrumentos, novas formas de relações sociais e de desenvolvimento intelectual. Fatores estes que transformaram o mundo e o homem na sua forma de agir e pensar.

O homem está em contínuo desenvolvimento, ampliando o conhecimento, a aprendizagem, o pensamento, transformando-os e se transformando para se humanizar. As necessidades humanas não são estáveis, imóveis, mas estão em constante mobilidade e transformação.

As carências básicas (comer, reproduzir-se, entre outras) não se modificam. Porém, as necessidades humanas se modificam e dependem da forma como o homem observa o mundo e a si mesmo. Depende do seu entorno, das relações sociais, históricas e culturais.

Quando o homem modifica a si ou o seu entorno, as necessidades também são modificadas, porque as atividades sofrem transformações. Logo, a atividade executada pelo homem está inter-relacionada com as suas necessidades. Novas atividades são geradas durante o processo histórico da sociedade. Essas atividades são provenientes

dos conhecimentos, dos recursos e das relações sociais existentes em um determinado momento histórico do homem na sociedade. Conseqüentemente, novas necessidades surgem, o que exige mais conhecimentos, aprendizado e novas transformações no mundo (VOEGELIN,1996).

Durante o processo histórico da humanidade, o homem conseguiu modificar o tempo dedicado ao trabalho para ter mais tempo para si; ou seja, conseguiu maior liberdade com a redução da jornada de trabalho e, conseqüentemente, conseguiu mais tempo ocioso (VOEGELIN,1996). Questiona-se, assim, o que o homem está buscando nesse tempo ocioso? Teria ele adquirido realmente uma maior liberdade?

Para Engels (1979, p. 95), “a liberdade não reside, pois, numa sonhada independência em relação às leis naturais, mas na consciência dessas leis e na correspondente possibilidade de projetá-las racionalmente para determinados fins”. Portanto, surge a necessidade da consciência, para que o homem possa se tornar verdadeiramente livre.

Com a modificação das necessidades, com as alterações na qualidade das relações entre os homens e a natureza e com a relação entre os homens, a afetividade e os novos sentidos são ampliados. Nas relações, os sentidos são gerados não apenas pelo processo biológico, mas pelas relações sociais e culturais que transformam os sentidos das relações. Como consequência, novas necessidades surgem, como um ciclo representado pela figura 1. Para existir a necessidade, primeiramente, deve existir um sentido (LEONTIEV, 1978). Com a inserção de novas necessidades, novas atividades são executadas.

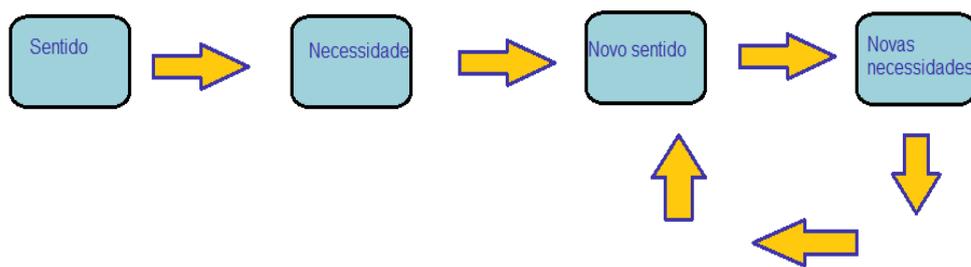


Figura 1- Sentido e Necessidade

O ser humano ao nascer, não atribui nenhum sentido aos objetos ou ao seu entorno, pois não possui nenhum conhecimento ou aprendizagem. A criança, quando chega ao mundo, não está apta para viver em sociedade. No entanto, a sociedade exige da criança conhecimento, aprendizagem e formas de socialização humanizadas. A criança deve se adaptar para viver em sociedade de acordo com a cultura em que vive.

A consciência de que vivemos em um mundo simbólico, com significados culturais, faz-se necessária para um convívio social humanizado e para a execução de atividade que exigem uma educação. A escola, como local em que o indivíduo deve ser educado, deve exercer a sua função de desenvolver na criança uma consciência a respeito do mundo em que vivemos, para que as necessidades exigidas pela sociedade façam sentido e a criança se desenvolva em seu pleno potencial, contribuindo para uma sociedade mais humanizada.

O sentido que a criança atribui a todos os objetos ao seu redor é representado na consciência pelas atividades desenvolvidas com o objeto, por meio das ideias, dos pensamentos, dos conhecimentos e das experiências anteriores com o objeto.

Nos dias atuais, para viver com qualidade em nossa sociedade, o homem deve satisfazer as suas necessidades e se adaptar à forma de vida que a humanidade impõe. Para isto, deve apreender os signos e símbolos para saber expressar seus pensamentos de forma concreta a fim de que todos possam compreendê-los.

Em um mundo simbólico, a leitura se torna fundamental para o convívio entre os indivíduos. A necessidade da leitura literária surge da representação que a criança possui do livro.

Segundo Mello (2012), a criança, ao conhecer um objeto, que pode ser um livro de literatura, atribui um sentido e um significado ao objeto. O sentido atribuído ao livro depende das experiências vividas e proporciona uma atitude em relação ao objeto. A atitude depende de como a criança representa o livro, como o livro a afeta e de quanto a afeta.

Se uma criança considera um livro de literatura algo "chato", esse significado atribuído pela criança pode estar relacionado com a forma como as pessoas no entorno dela se colocaram frente ao livro durante a infância. O livro pode ser representado por uma criança como algo "chato", enquanto outra criança pode representar de forma diferente. Isto porque a representação depende do meio, das experiências vividas e da forma como a criança vê o mundo ao seu redor. Cada criança possui a sua própria forma de observar o mundo.

Assim, para alterar um significado negativo atribuído pela criança a um livro de literatura, faz-se necessário educar sua atitude com relação ao livro, para que se altere, finalmente, a sua consciência; uma vez que o sentido possui uma conexão com a consciência do indivíduo. Portanto, o sentido que a criança atribui ao livro de literatura não se ensina, se educa (LEONTIEV, 1978). Ao alterar a representação que a criança possui sobre um livro, altera também a necessidade que a criança possui sobre a leitura de um livro de literatura.

Conhecer qual o sentido atribuído pela criança sobre o livro é essencial para que se possa realizar um planejamento para educá-la de forma eficiente e eficaz na cultura

escrita. Segundo Leontiev (1978), educar na criança sua atitude é essencial para modificar a consciência leitora dela.

Como a vida é um processo dinâmico e as experiências vividas pelo ser humano vão se modificando ao longo do tempo, o significado atribuído a um objeto também vai se alterando, sendo, portanto, também dinâmico (MELLO, 2012). No entanto, se o significado for positivo ainda na infância, a criança aproveita mais o seu tempo com atitudes corretas durante a vida.

Uma criança, ao nascer, não sente a necessidade de ler/escrever, pois não nasce com uma representação já pronta sobre um livro de literatura. Criar situações em que a criança possa atribuir um sentido positivo sobre um livro desenvolverá nela a noção da necessidade de leitura literária. Portanto, ler em sala de aula proporciona experiências com a leitura, motivando as crianças para uma atitude leitora. Jolibert (1994), no livro “Formando crianças leitoras”, apresenta um conjunto de discussões que levam à reflexão de que não se ensina uma criança a ler, mas é ela quem se ensina a ler. Portanto, a criança deve ler em silêncio em um ambiente que permita a concentração da atividade para proporcionar o surgimento da necessidade da leitura literária.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura literária pode ser compreendida como uma atividade que contribui para a construção do conhecimento e impulsiona o desenvolvimento psicológico. Segundo Leontiev (1978, 2012) e Mukhina (1995), tal atividade constitui um fator concreto do comportamento humano e atua no desenvolvimento psicológico do indivíduo por estar interligado com o processo social, histórico e cultural.

O ser humano realiza uma atividade de acordo com as suas necessidades. A ação humana deve ter sempre um objetivo e um resultado previsto para que seja denominada

atividade; portanto, para satisfazer as necessidades tipicamente humanas, o homem realiza uma atividade de acordo com o motivo que o impulsiona a realizar a ação planejada e com sentido (LEONTIEV,1960).

Para Leontiev (1960), o homem consegue se organizar e constituir por meio do plano psicológico em um mundo concreto que comprova a sua existência por meio das atividades realizadas. A atividade realizada pelo homem está relacionada com as operações mentais processadas pelas relações objetivas entre a realidade social, cultural e histórica. Uma atividade realizada pelo homem é resultado de um desenvolvimento da consciência (psiquismo). Quando um indivíduo realiza uma nova atividade, uma nova função da consciência é implementada.

Criar a necessidade da leitura literária na criança é uma missão importante da escola. Esta deve estar atenta para a formação de seus alunos, pois deve formar cidadãos ativos em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.
- BOURGEOIS, B. **A Enciclopédia das ciências filosóficas de Hegel**. In: HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio (1830)*. São Paulo: Loyola, 1995. v. 1.
- ENGELS, F. **Anti-Dühring**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FEUERBACH, L. **A essência do cristianismo**. Trad. Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1994.
- HARTMANN, N. **La Nueva Ontologia**. Buenos Aires: Editorial Sudamerica, 1954; p.183-4.
- HEGEL, G. W. F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas. A Ciência da Lógica**, Volume I. Trad. de Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995.
- JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. São Paulo: Artmed, 1994.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger, São Paulo: Nova Cultural. Coleção Os Pensadores, 1999.

LEONTIEV, A. N. **Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil**. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A.; LEONTIEV, A. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 12ª edição, São Paulo: Ícone/Edusp, 2012.

_____. **O desenvolvimento do psiquismo**. Editora Livros Horizonte, 1978.

LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral**, Tradução de Paulo Bezerra, vol. 1, 2ª ed, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1991.

MARX, K. **A burguesia e a contra-revolução**. 3.ed. Trad. J. Chasin, M. Dolores Prades e Márcia V. M. de Aguiar. São Paulo: Ensaio, 1987.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, K; ENGELS, F. **Ideologia Alemã (Feuerbach)**. 11 ed. Tradução do alemão por José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec. 1999.

MELLO, S. A. Uma teoria para orientar o pensar e o agir docentes: o enfoque histórico-cultural na prática de educação infantil. In: CHAVES, M. Intervenções Pedagógicas e Educação Infantil. Maringá: EDUEM, 2012, p.19-36.

MUKHINA, V. **Psicologia da Idade Pré-Escolar: Um manual completo para compreender e ensinar a criança desde o nascimento até os sete anos**. Tradução: Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

VOEGELIN, E. **Estudos de ideias Políticas** – de Erasmo a Nietzschei, editora Àtila, Lisboa, 1996.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. Trad. José Cipolla Neto et alii. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1997.